

**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

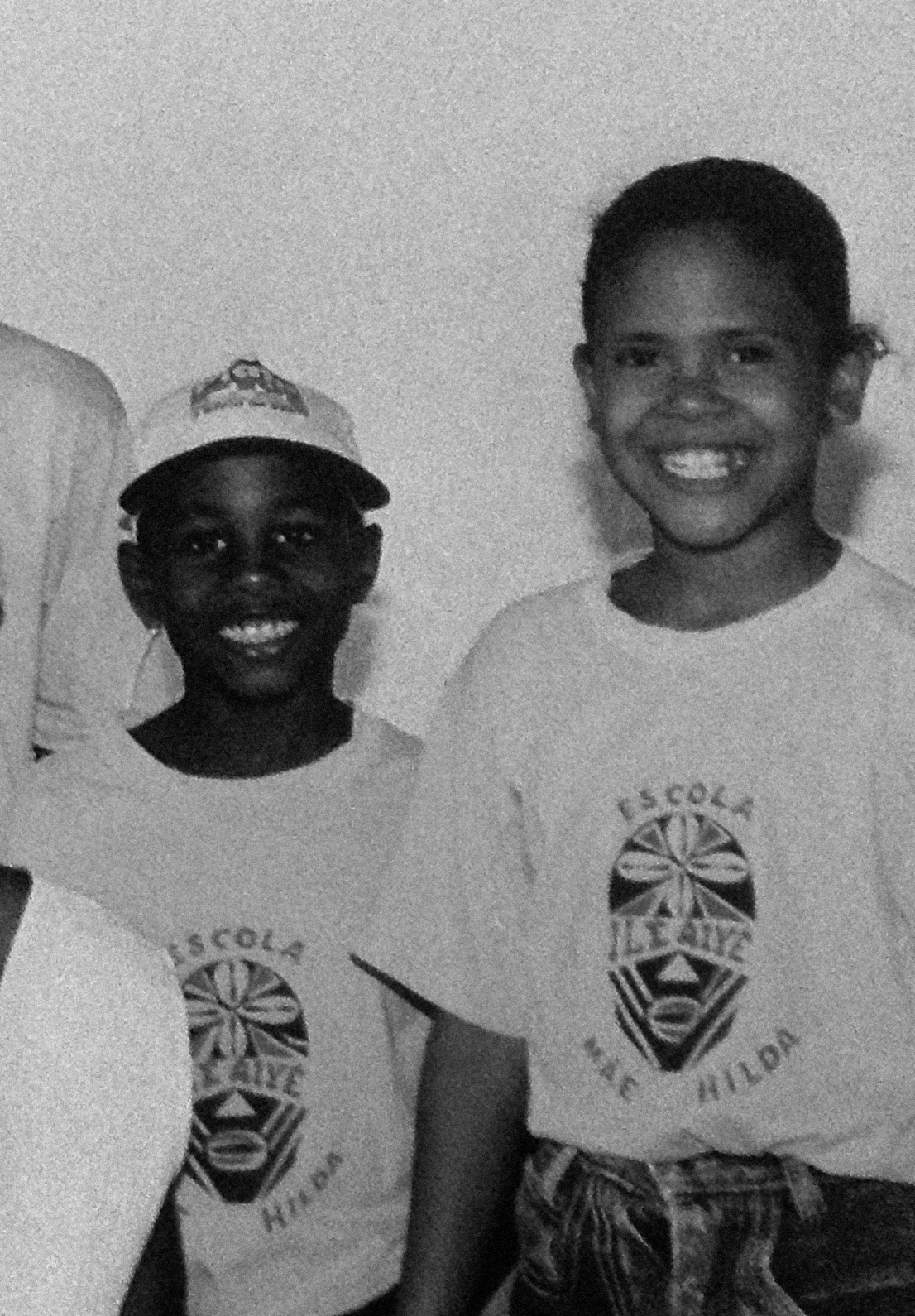
1995—2013

11

a rota dos tambores no maranhão







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

MÃE HILDA JITOLU: GUARDIÃ DA FE E DA TRADIÇÃO AFRICANA

Maria de Lourdes Siqueira

ensaio

Introdução

Mãe Hilda Jitolu, nascida Hilda Dias dos Santos Jitolu, foi uma figura central na preservação e disseminação da fé e da tradição africana no Brasil. Como iyalorixá, sua liderança e sabedoria transcenderam gerações, influenciando não apenas sua família, mas também comunidades inteiras através de sua dedicação ao candomblé. Sua vida e obra refletem a resistência e a riqueza cultural da diáspora africana, consolidando-se como um pilar fundamental para a manutenção das tradições afro-brasileiras.

Primeiros anos e formação espiritual

Mãe Hilda cresceu em um ambiente profundamente enraizado nas tradições africanas. Desde cedo, ela testemunhou a fé e a generosidade de sua mãe, que sempre abriu as portas de sua casa para ajudar os necessitados. Essas experiências formaram a base do que seria sua vida dedicada ao serviço comunitário e à preservação das tradições religiosas africanas. Em suas palavras: “Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé. Minha casa sempre foi frequentada pelo que considero herança de minha mãe” (Siqueira, 1996, p. 3).

Ela foi iniciada no candomblé pelo Babalorixá Cassiano Manoel de Lima e continuou suas obrigações sob a orientação de Iyalorixá Constância da Rocha Pires, conhecida como Mãe Tança, no Terreiro Cacunda de Iaiá. Mãe Tança,

**O CANDOMBLÉ
SEMPRE FOI CASA
DE ENSINAMENTOS E
ESTA FUNÇÃO AGORA
PROSSEGUE COM AS
NOSSAS DIVERSAS
ESCOLAS**

descrita como uma mulher bondosa e generosa, passou seus conhecimentos e direitos religiosos para Mãe Hilda, permitindo que ela continuasse a tradição. Nas palavras de Mãe Hilda, “Mãe Tança era uma pessoa muito bondosa. Gostava de passar ‘as coisas’ para as pessoas, ela não era dessas que segurava, ela passava se a pessoa tinha direito. Mãe Tança tinha esse direito” (Siqueira, 1996, p. 5).

Criação do ilê axé jitolu

Em 1952, Mãe Hilda fundou o Terreiro Ilê Axé Jitolu, um marco na história do candomblé e da comunidade afro-brasileira. O terreiro, nascido de sua fé em Obaluayê, tornou-se um centro de resistência cultural e espiritual, celebrando festivais e rituais que atraíam pessoas de diversas origens e reforçavam a identidade afro-brasileira. “Eu tive de lutar para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Aí se considera nascimento. Nasceu um terreiro dia seis de agosto de 1952” (Siqueira, 1996, p. 7).

O Terreiro Ilê Axé Jitolu rapidamente se tornou um espaço de referência, não apenas para a prática religiosa, mas também para a promoção de atividades culturais e sociais. As festas e cerimônias organizadas no terreiro atraíam centenas de pessoas, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. “Começamos com a festa de Obaluayê no dia 16 de agosto. No mês de setembro, prosseguimos com a festa do Caboclo Tupiassu. A gente celebra com muita garra, com muita animação, tudo a que ele tem direito” (Siqueira, 1996, p. 9).

Família e compromisso comunitário

Casada com Waldemar Benvindo dos Santos, Mãe Hilda

criou cinco filhos que se tornaram figuras proeminentes no cenário cultural e religioso brasileiro. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco afro Ilê Aiyê, enquanto Hildete Valdevina dos Santos Lima, ou Dete Lima, tornou-se diretora artística do Ilê Aiyê e vice-presidente do Instituto Mãe Hilda Jitolu. Outros filhos, como Vivaldo Benvindo dos Santos e Hildelice Benta dos Santos, também assumiram papéis importantes no Ilê Axé Jitolu e em iniciativas culturais e educacionais. “O Ilê Aiyê tem uma força e eu creio que essa força foi trazida pelo Axé do Orixá porque quando eu comecei a ter filhos, já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, no meu corpo, então o meu primeiro filho já nasceu dentro do Axé” (Siqueira, 1996, p. 11).

O compromisso de Mãe Hilda com a comunidade ia além da família. Ela sempre acreditou na importância da educação e do desenvolvimento cultural para a emancipação do povo negro. Com esse objetivo, fundou uma escola de 1º grau que se tornou um modelo pedagógico para outras instituições da comunidade, oferecendo aulas de religião e teatro, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O terreiro é pequeno, mas já tem disciplina que é uma escola de minhas filhas de santo e para as crianças daqui. Carentes da nossa comunidade, acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola” (Siqueira, 1996, p. 13).

Impacto cultural e social

Mãe Hilda foi uma pioneira na articulação de tradições afro-brasileiras com a educação e a cultura popular. Ela fundou uma escola que virou uma referência educacional para os estudantes e toda a comunidade do bairro do Curuzu,

onde está a sede da instituição, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas escolas” (Siqueira, 1996, p. 15).

Além de seu trabalho na educação, Mãe Hilda teve um papel fundamental na criação do bloco afro Ilê Aiyê. Fundado em 1974, o Ilê Aiyê tornou-se um símbolo de resistência e valorização da cultura negra. “O Ilê surgiu em 1974. 1975 foi o primeiro ano que ele foi para a rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa Casa de Candomblé consultando os orixás, achei que era muitos negros juntos [...] Achei que era necessário que se fizesse alguma coisa por parte do Axé para pedir proteção para esse povo” (Siqueira, 1996, p. 17).

Mãe Hilda também foi uma das responsáveis pela criação do Grupo de Mulheres de Axé Dandarê, que abre alas nos desfiles do Ilê Aiyê representando ancestralidade, tradições culturais, religiosas e étnicas. Essas mulheres, guiadas pela força e proteção dos orixás, são um exemplo vivo do legado de Mãe Hilda.

Legado e reconhecimento

A fé inabalável de Mãe Hilda e sua dedicação à preservação das tradições africanas lhe renderam várias homenagens, - que fizeram jus à sua importância cultural e imaterial. Ela também foi imortalizada em músicas e recebeu tributos durante festivais e eventos culturais. A cidade de Salvador reconheceu seu trabalho, conferindo-lhe honrarias como a Chave da Cidade e a Medalha 2 de Julho, entre outros. “Mãe Hilda recebeu homenagens da 2ª série da Escola Mãe Hilda e de compositores do Ilê Aiyê. Que as Mães Pretas

do Brasil sejam parecidas com Mãe Hilda. Nos acaltem, nos acolham, nos aconselhem para sermos negros felizes” (Siqueira, 1996, p. 19).

Seu trabalho e legado transcenderam as fronteiras do terreiro, impactando a sociedade em geral. Ela participou de eventos importantes como o II Congresso Internacional dos Orixás, onde contribuiu para o diálogo entre a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras. Além disso, Mãe Hilda sempre esteve presente em celebrações religiosas de outras denominações, demonstrando seu respeito e abertura para a diversidade religiosa.

Conclusão

O legado de Mãe Hilda Jitolu é uma herança viva que continua a inspirar e fortalecer a identidade afro-brasileira. Seu trabalho como guardiã da fé e da tradição africana é um testemunho de sua visão e dedicação, assegurando que as futuras gerações mantenham viva a chama da cultura e espiritualidade africanas no Brasil. Sua vida e obra são um exemplo de resistência e resiliência, refletindo a profundidade e a riqueza das tradições africanas que ela tanto prezou e preservou. Mãe Hilda continuará a ser lembrada e honrada por sua contribuição inestimável à cultura afro-brasileira.

M

sumário

4	prefácio
6	ensaio
18	apresentação
21	a rota dos tambores no maranhão
27	os tambores
68	sugestões de atividades pedagógicas



J. Cunha

Bom batuque Ilê Aiyê

(Zeca Araújo – Genivaldo Evangelista – Inês Saldanha – Elon)

Empolguei a massa
Levantei poeira
Fiz o mundo balançar
Até a quarta-feira
Cantei no coral
Mundo negro Ilê Aiyê.
Empurrado pela massa
Até o dia amanhecer

Bodas de prata
Não foi fácil festejar
O meu caminhar foi duro
Mas eu tenho o que contar
Bati de frente
Com a face da opressão
Ai venci, o meu santo é forte
Mundo negro é minha nação

É mais um ano
Entre flores e espinhos
O meu mar não foi de rosas
Mas abri muitos caminhos
A minha trajetória
Deixou luz em cada ninho
Aí segui fazendo história
Com amor, canto e carinho.

Ilê Aiyê, beleza negra
E não tenha quem não diga
Ilê Aiyê, Bom Batuque
É mais que um bloco
É nosso estilo de vida

Ilê Aiyê, beleza negra vencedor
Fera ferida
Ilê Aiyê, Bom Batuque
É mais que um bloco é nosso estilo de vida

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

A ROTA DOS TAMBORES NO MARANHÃO

apresentação

18

Há quase trinta anos empolgando a massa

Quando a direção do Ilê Aiyê resolveu homenagear a luta do povo negro do Maranhão no Carnaval de 2003, ela tinha uma rota certa: retribuir o carinho e a grande receptividade que o Ilê sempre teve nas diversas vezes em que visitou aquele estado.

Modéstia à parte, também a direção sabia que o povo do Maranhão, especialmente os companheiros do Movimento Negro, iriam se sentir felizes ao ver a sua cultura de tradição africana, em seus diversos aspectos, ser cantada pelo bloco afro pioneiro do Brasil. Esta felicidade aconteceu.

Felicidade maior ocorreu com a grande família Ilê que cantou “no Coral/ Mundo Negro Ilê Aiyê / Até o dia amanhecer de quarta-feira”. O tema “A Rota dos Tambores no Maranhão”, traduzido magistralmente em belas canções por nossos compositores, permitiu a realização de mais uma ação do projeto político do nosso bloco: preservar e expandir os valores culturais africanos de diversas partes do mundo.

Aprendemos muito com esta Rota traçada pelos Tambores no Maranhão. Ficou a certeza

de que a felicidade estampada em milhares e milhares de rostos pelas avenidas de Salvador durante o Carnaval poderá permanecer para sempre. Para isso, é preciso continuar a “bater de frente / Com a face da opressão”; saber que “o santo é forte” e o “Mundo negro é minha (nossa) nação”.
Axé!!!

À Coordenação

Maio, 2003.

Bloco Ilê Aiyê há 29 anos na Rota por ações afirmativas - a favor do sistema de cotas e pelo direito do negro a ter acesso à universidade

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

A rota dos tambores no maranhão

01

21

ORIGEM DA PESQUISA

A escolha do tema foi da diretoria do Ilê Aiyê.

A pesquisa de campo foi realizada a partir do patrimônio cultural de São Luís do Maranhão junto a representantes de entidades religiosas e culturais do Movimento Negro, da sociedade civil e de órgãos governamentais do Estado sediados na Ilha de São Luís durante uma semana de visitas a museus, centros culturais, casas religiosas, bibliotecas, casas de cultura, terreiros, pessoas e lugares tradicionais da cidade.

PARTICIPARAM DA PESQUISA: TEMA DO ILÊ AIYÊ / 2003

- ◆ Elizete Matos dos Santos - Diretora do Ilê Aiyê
- ◆ Dete Lima - Diretora do Ilê Aiyê
- ◆ J. Cunha - Diretor do Ilê Aiyê
- ◆ Maria de Lourdes Siqueira - Diretora do Ilê Aiyê
- ◆ Maria do Rosário Santos - Historiadora, escritora, pesquisadora e fundadora do CCN do Maranhão
- ◆ Mundinha Araújo - Professora, pesquisadora, fundadora do CCN, diretora do Arquivo Público do Maranhão e conselheira da Fundação Cultural Palmares

LOCAL E PERÍODO DA PESQUISA

São Luís do Maranhão - Abril / 2002.

ENTIDADES OUVIDAS DURANTE A PESQUISA NO MARANHÃO

1. A Casa das Minas - Jêje do Maranhão
2. Casa de Dona Elzita
3. Casa de Fanti - Ashanti
4. Casa do Maranhão - Museu do acervo do bumba meu boi

5. Casa do Cultura do Maranhão
6. Dona Terezinha - zeladora de bumba meu boi
7. Terreiro do Sr. Jorge Itaci
8. Arquivo Público do Estado do Maranhão
9. Museu de Cultura Popular do Maranhão
10. Casa de bumba meu boi da Madre Deus
11. Museu de Dona Terezinha
12. CCN - Centro de Cultura Negra do Maranhão

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para a pesquisa bibliográfica, foram consultados textos escritos por autores reconhecidos na temática cultura e religiosidade do Maranhão. Os principais autores consultados foram:

- ◆ Carlos Lima - Pesquisador de Cultura Popular Maranhense.
- ◆ Deusdedit Carneiro - Arqueólogo
- ◆ Joila Moraes - Pesquisadora de Cultura Popular Maranhense
- ◆ Lizandra Diniz - Cientista Social
- ◆ Maria do Rosário Santos - Historiadora, pesquisadora e fundadora do CCN
- ◆ Mundinha Araújo - Professora, pesquisadora e fundadora do CCN
- ◆ Mundicarmo Ferretti - Antropóloga e professora da UEMA
- ◆ Mathias Rodrigues Assunção - Professor da Universidade de Essex - Inglaterra.
- ◆ Sergio Ferretti - Antropólogo e professor da UFMA
- ◆ Socorro Araújo - Presidente da Fundação Municipal de Turismo.

- ◆ Michel Carvalho - Chefe do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.
- ◆ Maria Laura Cavalcanti - Antropóloga e professora do IFICS - UFRJ

CELEBRAÇÕES E HOMENAGENS

- a) O encantamento que envolve história, cultura e tradição do Ilê Aiyê, em seus 29 anos, leva-o a prestar aos nossos ancestrais mais uma grande homenagem que constitui a marca tradicional do Ilê Aiyê: “Linda como a íris dos olhos de Deus”. Louvor aos Tambores, que sempre nos guiaram, nos acompanharam e mantêm a nossa alegria, com esperança e ânimo para continuar na luta contra o racismo, pela identidade, pela nossa autoestima e pela busca do direito que temos à cidadania. Nossas celebrações e nossas homenagens se passam entre mitos e rituais em forma de canto, de dança, de reza, de oferendas, de ritmos e alegorias.
- b) Os Tambores que vêm da África se tornam nossos instrumentos mensageiros em nome da ancestralidade africana que homenageia nossas raízes. Entre os homenageados deste ano em que nosso tema é a “Rota dos Tambores no Maranhão”, celebramos a vida de nossa Mãe Espiritual “Hilda Jitolu”, diretora fundadora do Ilê Aiyê em seus 80 anos, e do nosso presidente-fundador “Vovô do Ilê” - Antonio Carlos dos Santos Vovô, que em 2002 celebrou 50 anos. Com meio século de vida, toda ela dedicada a acompanhar e revolucionar a Rota dos Tambores que vêm da África, ele nasce em um terreiro de candomblé, filho de uma Iyalorixá, Mãe Hilda Dias dos Santos Jitolu, e é consagrado ao nascer ao Orixá que

lhe corresponde: OXALUFAN, entidade maior no Pantheon dos Orixás que lhe assegura a paz do seu próprio guia, sua DIGINA.

- c) A Rota dos Tambores vem da África e se firma principalmente na Bahia e no Maranhão. São Tambores que tocam Mina, Jêje, Nagô, Ketu ou Yorubá, Ijexá, Angola, Congo, Ashanti, Caboclo e Mata. Os Tambores traçaram uma rota que há cinco séculos nos serve de vínculo entre continentes, entre raízes, histórias, culturas, linguagens, símbolos de origens diferentes, todos unidos na grandeza de uma civilização fundadora de culturas e matrizes civilizatórias.

A África

A Rota dos Tambores no Maranhão louva, canta e dança para Orixás, Inquinces, Voduns, Encantados, Minas, Caboclos das Águas e das Matas, Rainhas, Reis, Chefes de Linhas, Princesas, Imperatrizes ou Imperadores - entidades espirituais africanas e indígenas.

A Encantaria dos Tambores reúne gente que vem acompanhando a trajetória do povo africano e seus descendentes há cinco séculos.



**NO CARNAVAL DE 2003,
QUANDO CELEBRAMOS 29
ANOS DO BLOCO ILÊ AIYÊ,
HOMENAGEAMOS UM DOS
SÍMBOLOS MAIS FORTES
DA ANCESTRALIDADE
AFRICANA**

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Os tambores

02

27

I. A rota dos tambores no Maranhão - cultura, religiosidade, personagens, trajetórias, celebrações e rituais

1. A SIMBOLOGIA

Significado: Para dar conta do tema "A Rota dos Tambores no Maranhão", apresentaremos os principais momentos da cultura e da religiosidade africana e afro-brasileira nos quais os Tambores são marca essencial na trajetória do povo negro no Maranhão.

- ◆ O que eles significam?
- ◆ Onde eles estão presentes hoje no Brasil?
- ◆ Em quais manifestações culturais e religiosas eles se apresentam?

Representação: Partiremos de dois espaços onde os Tambores abençoam a cultura negra, seja em lugares sagrados, seja nas festas e alegrias que cobrem estes lugares de africanidade.

Trajetoária: Os Tambores acompanham o ritmo e o movimento onde estão as festas, as alegrias, as cerimônias e os rituais de dança, rezas e cantos.

Os Tambores estão presentes em todos os lugares onde se expressam a religiosidade de origem africana no Brasil: terreiros, tendas e casas onde se celebram mitologias e rituais afro-brasileiros como Tambor de Mina, Tambor de Crioula, bumba meu boi, Boi de Encantado, Zabumba, Festa do Divino Espírito Santo e do Banquete de São Lázaro Para os Cachorros.

2. OS TAMBORES NA ROTA DOS ANCESTRAIS DE ORIGEM AFRICANA

A religião afro-brasileira, em suas diferentes denominações, é conhecida, na Bahia, por Candomblé; em Pernambuco, por Xangô; no Rio Grande do Sul, por Batuque; em Belém, por Catimbó e, no Maranhão, por Tambor de Mina. Em todos os rituais, festas e celebrações, os Tambores estão presentes nos diferentes lugares do País.

Os Tambores são testemunhas dos momentos mais solenes da vida religiosa e cultural da trajetória dos iniciados, dos egbomes, dos membros da hierarquia nos terreiros, nas casas, nas tendas de religiões de matrizes africanas, e suas mesclas ou reelaborações na diáspora africana e de tantas outras manifestações culturais de origem africana.

3. LOCAIS DE CELEBRAÇÃO

Os Tambores tocam nestes lugares sagrados ou culturalmente institucionalizados com o objetivo de:

- ◆ Saudar aos Orixás, Inquinces, Voduns, Caboclos Encantados, Reis, Imperatrizes, Imperadores, Princesas e Tobôssis.
- ◆ Para prestar homenagem, saudando àqueles que representam estas entidades na hierarquia das casas religiosas: Yalorixás, Babalorixás, Rumbonas, Ganguasenses, Nenguas, Donés, Mobas, Ogans, Ekedes, Makotas e Derés.
- ◆ Para acompanhar os rituais que contam as lendas das entidades africanas durante as cerimônias religiosas, falando da água, dos rios, dos mares, do vento, do fogo, do raio, do trovão, da Terra, da lama, dos raios e das matas.

- ◆ Os Tambores acompanham o ritmo e o movimento da capoeira, do maculelê, do samba de roda, dos reisados, das Festas do Divino, do Bumba meu boi, do Tambor de Crioula, do Tambor de Mina, do Boi de Encantado, das Festas de Encantoria, das homenagens aos tobôssis e aos chefes.

4. TIPOS DE TAMBORES MARANHENSES

Quais são os Tambores que animam as celebrações rituais? Quem toca estes Tambores? Como as pessoas se preparam para ter o direito de tocar os Tambores sagrados?

Os Tambores sagrados que tocam nos Terreiros para os ancestrais são denominados:

RUM, RUMPI, LÊ: para os Nagós, Ketus ou Yorubás

TAM-TAM, BATA, COTÓ: para outras nações

Os Tambores são parte do sagrado e, para tocá-los, as pessoas predestinadas são consagradas a serviço de um orixá, vodum encantado ou outros por quem ele for escolhido, constituindo o corpo de Ogans da Casa denominados **Alabés** para o Nagô.

Estes **Ogans-Alabés** são Pais, são membros da hierarquia e têm função sagrada porque eles participam de rituais que chamam os Orixás, que implantam o Orixás na cabeça das pessoas escolhidas para serem filhas e filhos de santo e, quem sabe um dia, pai ou mãe do Terreiro que consagram Ekedes, Derés, Ajoéis Makotas, Ogans e Mobas - postos rituais para os quais sejam escolhidos por entidades supremas.

Os Tambores envolvem uma ciência profunda a cada

momento. A cantiga, o ritmo e o toque significam o que está se passando no lugar onde o ritual está sendo celebrado. É preciso conhecer o sentido do ritmo dos Tambores para acompanhar o significado dos rituais. É o Tambor que guia, orienta e coordena os passos das cerimônias rituais. Só quem sabe identificar o movimento Tambores pode acompanhar o desenvolvimento religioso das cerimônias que estão sendo celebradas.

Todas as outras manifestações culturais de origem africana têm um momento religioso, seja para iniciar pedindo a benção e proteção das entidades, seja representando partes de histórias destas entidades que fazem parte de outras celebrações rituais ou culturais. Neste sentido, a Rota dos Tambores é uma rota sagrada para o africano no continente e na diáspora.

5. OS TAMBORES MARANHENSES E SUA DIMENSÃO RELIGIOSA

A religião de origem africana no Maranhão é genericamente denominada **Tambor de Mina, de Encantado, Mata ou Umbanda**.

O Tambor de Mina inclui a realização de festas específicas da cultura maranhense:

- ◆ Tambor de Mina
- ◆ Bumba meu boi
- ◆ Tambor de Crioula
- ◆ Divino Espírito Santo.

Senhores, mestres da arte de tocar Tambor para as entidades e seus rituais, relembram as mitologias e as histórias da simbologia de cada Vodum, Orixá, Inquince, Encantado, tobossi, rei ou chefe.

Estas manifestações estão intimamente associadas às Religiões de Origem Africana. A maioria dos maranhenses louva as entidades espirituais às quais nos referimos anteriormente :

Voduns

Caboclos

Encantados

Reis

Tobóssis

Orixás

Inquinces

A maioria dos Terreiros de São Luís é Mina, Jêje e Nagô, mas há outras denominações como Cabinda, Felupa, Tapa, Angola e Congo.

Depois das festas explicitamente religiosas de Mina, Candomblé, Mata, o bumba meu boi é a festa popular mais importante do Maranhão. Todas estas manifestações seguem a Rota dos Tambores no Maranhão.

II. O sentido das manifestações culturais e religiosas acompanhadas pelos tambores dos negros do Maranhão

1. OS TAMBORES E O IMAGINÁRIO DO POVO

Cultura, identidade e religiosidade negras estão fortemente presentes no imaginário do povo maranhense. Considera-se que a cultura negra maranhense constitui uma das expressões mais antigas e mais autênticas, porque consta das referências tradicionais praticadas e legadas pelos negros vindos da África nos tempos da escravidão e da

colonização, representando sempre um ato de resistência, de luta e de busca de sua identidade negra. Os autos bumba meu boi, Festa do Divino e Os Tambores de Minas falam sempre de uma luta por afirmação da grandeza africana por um espaço de libertação.

2. OS TAMBORES ACOMPANHAM A DIVERSIDADE CULTURAL DO MARANHÃO

A cultura maranhense expressa uma diversidade cultural e religiosa que constitui a sua maior riqueza. O cotidiano da vida no Maranhão é permeado de manifestações religiosas e culturais animadas pelos Abatás de origem Nagô vindos da Nigéria, pelos Atabaques Run, Rumpi, Tam-Tam e Lê, além de Zabumbas, Pandeirões, Pandeirinhos, Adufos, Sotaques da Baixada Maranhense e da Ilha de São Luís.

Há uma mescla de cerimônias religiosas e manifestações culturais denominadas popularmente de folclore. Por exemplo, no Terreiro do Egito, um dos mais tradicionais de São Luís, são utilizados pandeirinhos chamados Adufos para o Baile das Princesas, dança religiosa de Encantaria, iniciada em 12 de dezembro de 1864, segundo relato de Pai Euclides, babalorixá da Casa Fanti-Ashanti. Para o Tambor de Crioula, os Tambores utilizados denominados Termo são um Tambor Grande (Roncador), um Tambor Médio (Socador) e um Tambor Pequeno (Pererenga ou Crivador), e estes se reencontram no Tambor de Mina.

Rum alufás

(Paulo Vaz – Ciça – Lourival)

Boi, olha o boi, bumba meu boi
Ilê Aiyê vem depois
Faz os tambores repicar
Ó meu São Luiz do Maranhão nesta troca de emoção
Faz a Bahia repensar
Trago nossas rezas nossas crenças embaladas na lembrança
Nos ouvidos a zambubar
Tocando orquestra de tan tan e rum pi lé
Abrindo a festa pra africana Agontimé
Pois desde o berço da história quando viemos de Angola
São Benedito abençoar
Festa do Divino do Encantado das tabocas e roçado
Pato pelado e roncadoras
Tambor de Mina com cabaças e agogós
Com o pererenga, as mutucas e as crioulas
Ouço da Ramunha, o daró, o bravum, e o sató, alujá, ijexá
Hoje o Curuzu samba de roda, samba reggae de viola
Traz à tona o tocador
Dedo a dedo são escolhidos os alabês
Como diz o povo para doze faltam três.

3. REPRESENTAÇÕES NACIONAIS

O Maranhão é considerado a 5ª província escravista depois da Bahia, Minas, Rio de Janeiro e Pernambuco. Lá residiam quase um décimo de todo o contingente de africanos escravizados trazidos para o Brasil. Segundo alguns estudiosos, o Maranhão chegou a receber 114 mil africanos, sem contar clandestinos e aqueles que vinham por terra, o que pode elevar esse número a 140 mil, segundo o historiador Matthias Rohrig Assunção. Presume-se que o maior número de africanos deportados para o Maranhão tenham vindo de Angola e Congo (48%). O segundo grupo mais importante teria vindo da Guiné (36%) e, apenas 13%, da Baía do Benin (Mina, Nagô e Calabar).

Moçambique e Cabinda representam os 3% restantes. Logo, as procedências mais importantes, seguindo o autor acima referido, vinham de Angola (30% dos africanos registrados), sendo que 14% eram Mandingas ou Mandinka, 11% eram Mina, 10% Cachéu e 7% Bijagó. Esses registros correspondem ao século XIX.

Os Mandingas eram reconhecidos por sua tradição musical e por serem grandes contadores de histórias e guardiões da tradição denominados Griots.

A cultura maranhense tem, segundo estes estudos, sua contribuição maior entre africanos de origem dos rios da Guiné e dos Mandinka. A contribuição Mandinka também se faz sentir na culinária maranhense através de pratos como o arroz de cuxá (que na língua de origem é Kutzá), o que quer dizer quiabo de Angola ou vinagreira (*hibiscus sabdariffa*).

4. PRESENÇA DAS MULHERES NESTAS MANIFESTAÇÕES ACOMPANHADAS PELOS TAMBORES

No Tambor de Mina, a maioria dos participantes são mulheres e as entidades que as escolhem são do sexo masculino. Já o bumba meu boi é um ritual de homens com participação de algumas figuras históricas, a exemplo de Catirina, personagem central, junto com Pai Francisco, que luta contra a tirania do amo, dono do Boi.

Até a década de 70, as mulheres só acompanhavam os grupos de Boi e eram chamadas de Mutucas, depois viraram Torcedoras. Sempre prestando serviços, carregando chapéus, instrumentos, comida, bebida e emprestando o ombro, pouco a pouco a mulher foi ganhando o Terreiro e entrando no Cordão dançando e treinando toadas.

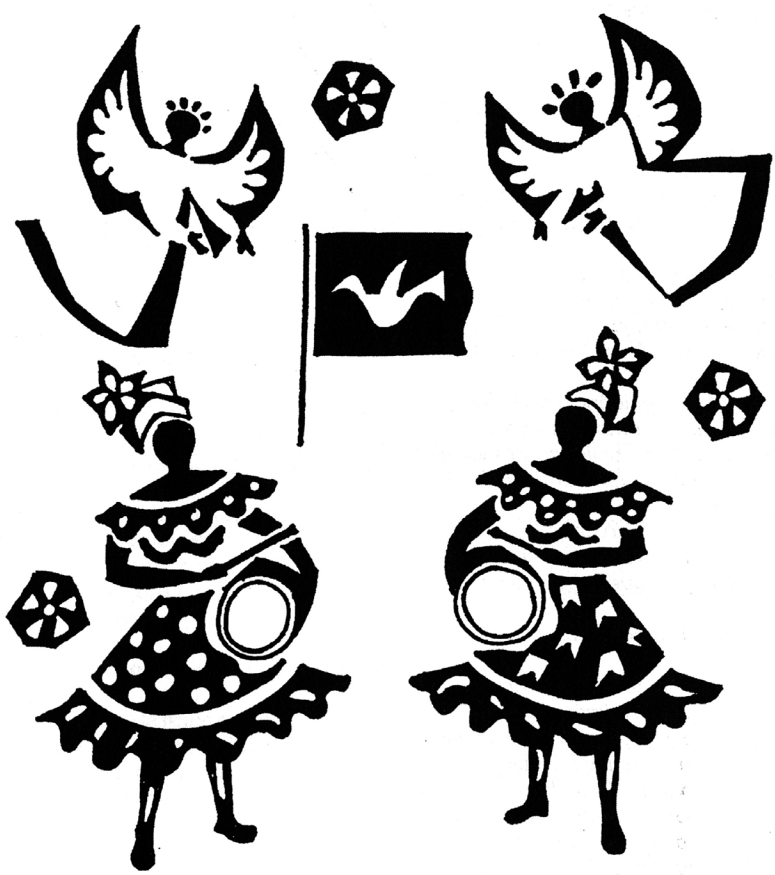
5. OS TAMBORES QUE TOCAM NO MARANHÃO

A presença do Tambor é registrado no Brasil desde os primeiros tempos e aparecem em fotos dos primeiros viajantes. Manuel Soares descreve, em 1587, rituais dos Tupinambás, usando Tambores. Debret descreve dança de índios ao som do Zabumba.

Zabumba, Bombo, Bumbo, Cabeças são denominações dadas a um Tambor Grande popular no Norte e no Nordeste.

Os africanos trouxeram o Tambor de vários estilos, com seu Tam-Tam, Adufes, Pandeiros, e acredita-se que vem desses Tambores o nome das principais manifestações culturais do Maranhão que, juntas, constituem rituais do povo negro no Maranhão:

- ◆ Tambor de Mina, bumba meu boi, Tambor de Crioula, Festa do Divino
- ◆ Carnaval, Cerimônias que tocam Tambores na Casa Fant Ashanti, Ancestrais vivos que falam de Tambores



J. Cunha

Negra matriz

(Adailton Poesia e Valter Farias)

Um canto afro ecoa noite adentro
Negras mulheres
São mais que flor sem razão
Lélias Gonzáles, Dandaras, Zeferinas.
O Ilê Aiyê é a flecha da evolução
Oh, negra suingue aí
Oh, negra vem ser feliz
Oh, negra suingue aí
Que aqui no Ilê Aiyê você é matriz
É por certo a evidência do belo
Um projeto de amor para você
Vem uma deusa bailando nas estrelas
Vai surgindo o imponente Ilê Aiyê
No suingue da fé
Uma esperança ao amanhecer
Iyame quilombolas mulheres
São as negras guerreiras do Ilê
Oh, negra suingue aí...
Recriou e manteve a história
Fazendo a transmissão do saber
É um hino a quem nos trouxe a vida
Pra viver no nirvana Ilê Aiyê
Neste coro sagrado de honra e de glória
Chica da Silva, "Jitolu Forte Missão".
Eu saúdo a pantera Ângela Davis.
No balanço gentil desta canção
Oh, negra suingue aí...

III. As principais manifestações culturais e religiosas dos negros no Maranhão

Tambor de Mina, Tambor de Crioula, Boi Zabumba, o Boi de Matraca, a figura do Cazumba, o Tambor de Choro, o Boi de Encantado, o Banquete dos Cachorros em homenagem a São Lázaro.

Todas estas manifestações se referem à identidade negra, à cultura negra e à religiosidade negra recriadas no Brasil em tempo de resistência à escravidão revivido e recriado no Maranhão.

Os enredos, os autos, as personagens, as letras das cantigas, a reelaboração das histórias e o louvor às entidades vão se entrelaçando no tempo entre rituais, festas, comemorações e divertimentos. A marca característica dessas manifestações é o ritmo rápido marcado por Tambores enormes e de diferentes dimensões.

1. OS TAMBORES NO TAMBOR DE MINA

O Tambor de Mina constitui uma das múltiplas manifestações religiosas expressas por rituais acompanhados por sons e ritmos de Tambores capazes de levar as pessoas a entrarem em transe ou simplesmente a serem envolvidas por poderes ou ações de ordem sobrenatural.

O Tambor de Mina surge no Maranhão, na capital, como uma das recriações culturais e religiosas das tradições africanas no Brasil. A expansão do Tambor de Mina se realiza principalmente no Pará e Maranhão.

A. A Casa das Minas

Há diferentes versões sobre a origem da Casa das Minas, fundadora do Tambor de Mina. Conta-se que Agontimé desembarcou na Bahia e conseguiu liberdade e recursos

para chegar ao Maranhão, onde se reuniu com africanos escravizados da Nação Jêje e fundou a Casa onde recebeu o nome de Maria Mineira Naé. A Casa das Minas foi fundada pela Rainha Agontimé, mãe do Rei Aghezo.

Parte da Literatura refere-se à Casa das Minas, tendo como sua fundadora mais conhecida Maria Jesuína, que recebia o Vodun Zomadonu. O ritual praticado na Casa das Minas é de origem FON, mas a Casa é utilizada no contexto cultural e religioso do tempo em que foi fundada. A Casa das Minas tem uma filosofia de não abrir seus fundamentos, e hoje a Casa tem um número muito reduzido de iniciados.

Em 1985, a Unesco realizou, em São Luís, um colóquio internacional chamado **“Sobrevivências das Tradições Religiosas na América Latina e no Caribe”**. Maurice Glélé, natural do Benin, de família real do antigo Danhome, foi o promotor principal deste evento.

O culto ao Vodum tem preceitos tradicionais de sua origem. As principais famílias da Casa das Minas do Maranhão são: Davice, Dambirá, Queviosso, Savaluno e Aladá.

Para Pierre Verger, a Casa das Minas é o lugar da Diáspora que guarda a ancestralidade da Real Família de Boney, aqui representada por seus Voduns do Dahomé. Esta herança religiosa nos vem da África Ocidental. A Casa das Minas foi tombada na qualidade de Patrimônio Cultural da Humanidade. É o lugar dos Voduns, Vodunsis, Vodunça e Vodunça-Ré.

O Tambor de Minas é acompanhado de Cabaças que, em língua africana, são denominadas Aguê. O Agogô é um instrumento de ferro também utilizado junto com os Tambores nos rituais Jêje e Nagô.

Nessa rota

(Moa do Katendê e Guellwaar)

Vere...verequete...

Ilê Aiyê na rota dos tambores no Maranhão

Na gruta dos sonhos,

São Benedito apareceu

Acompanhado de um anjo lá do Daomé,

Que abençoou o Tambor de Crioula,

Reencantou a zabumba e o Boi de Pindaré

E a Casa das Minas, ele fez o couro do Jeje falar...

Nessa rota também tem Ilê Aiyê pra fazer você cantar.

Mas, quando o tambor tocou a festa ficou melhor

Verequete baixou/sambou no catimbó. (Bis)

Nessa rota, reza, reta, rio, rito

Viva a festa do Divino!

Rufam amores no berço do ribeirão;

Na Linha da Mata de Codó (a Cachoeira de lá),

A Pajelança desperta Timbiras, Tapuias, Caboclos

Ao som do Tambor... ô, ô, ô, ô, ô, ô (...)

A água que corre brigando é Maranhão

E a Rainha Agontimé é proteção;

Ribeirão dos mistérios- Ilê do mar

E tem Catarina Mina com dona Teté no seu Cacuriá.



J. Cunha

B. Boi de Encantado

As entidades do Tambor de Mina solicitaram que os membros da Casa prestem homenagem a São João através dos rituais de bumba meu boi. Assim, há entidades do Tambor de Mina, a exemplo de Joãozinho de Légua, João da Mata, João Soeiro, João de Lima, Dom João, Preto Velho, Seu Corre Beira e seu Sumupeira. Esta tradição é das cidades e do interior. Bitá de Barão, em Codó, celebra estes rituais.

Na Casa das Minas não há festa de Boi, ao que parece, e o Boi de Encantado tem origem no carneirinho de São João que vira Boi de Encantado nos Tambores de Mina.

C. Festas Juninas em Terreiros de Mina

Na Casa das Minas, se faz obrigações no São João para Naè (Sinhá Velha) e, no São Pedro, para Badé (Quevioso). Nos tempos de Mãe Andreza, celebrava-se o Vodum Poliboji. Estas festas têm origens com os africanos nos tempos coloniais. A Casa das Minas faz todas as obrigações para Moché Naè. Estas obrigações são acompanhadas pelos Tambores da Nação de Minas.

D. Tambor de Choro

O Tambor de Choro consiste em rituais fúnebres realizados pelos Terreiros de Tambor de Mina por ocasiões da passagem de uma personalidade da Casa, que sai do Aiyê para o Orun. Este ritual é denominado “Zeli” - quando o corpo está ausente após “Sirrum”, que é o sepultamento -, cujo objetivo é despachar a pessoa que já se foi do convívio dos vivos e integrá-la ao outro lado.

O Tambor de choro é realizado por homens que se responsabilizam também pelo toque dos Tambores sob o

comando da chefe espiritual da Casa para as danças rituais.

O solo dos cânticos, os toques e as danças dos Voduns são animados pelos Tocadores de Tambores escolhidos e consagrados pelos Ancestrais. Os Voduns são considerados deuses da natureza, da vida, das árvores, da terra, por isso evitam o convívio com sentimentos de separação.

E. A Festa da Comida de São Lázaro

É uma manifestação frequente nos Terreiros de Mina que consiste numa comida oferecida aos cachorros mesmo por pessoas que não têm terra. Elas realizam esta manifestação para pagar promessa a São Lázaro.

F. O Caboclo no Tambor de Mina

As entidades dos caboclos fazem parte do Tambor de Mina. Uma das maiores famílias de entidades caboclas no Tambor de Mina é a do Rei da Turquia, através do qual está sendo reconstituída a linha de Turcos no Tambor de Mina do Maranhão.

2. BUMBA MEU BOI

O bumba meu boi hoje é característica essencial da cultura maranhense, embora não se saiba ao certo a verdadeira origem dessa manifestação. Sabe-se que o eixo central gira em torno de uma história cujos personagens principais são o Pai Francisco, Catarina, o Boi e os brincantes, utilizando-se de máscaras que fazem lembrar as máscaras africanas de origem Yorubá, denominadas Geledés, aqui antigamente chamadas Caiporas.

Não há informações precisas sobre os vínculos entre o bumba meu boi e a Ancestralidade Africana, mas fala-se de

sereias, de Entidades, de Encantados, de Matas, de Águas e outras Encantarias.

Há alegorias que fazem referências à Zabumba, Tambores, Pandeirões, Pandeirinhos (ou Adulfos), Maracas e Agogôs, ao povo indígena, a homens, crianças e, principalmente, meninos com roupas bordadas em lantejoulas e paetês, formando desenhos originais que representam o tema do ano que o Boi está representando.

Os personagens do bumba meu boi são figuras majestosas, com chapéus cobertos de fitas longas em cores vivos. Às vezes, esses personagens assemelham-se a figuras de entidades religiosas africanas, os Egunguns, que representam os espíritos dos membros da comunidade que já partiram do Aiyê para o Orun.

O bumba meu boi é animado por Tambores de diferentes tamanhos e formas.

O bumba meu boi é majestoso, tem um brilho que resplandece separadamente e nos cortejos entre as imagens, as cores, os toques, os ritmos e as letras das cantigas. Tudo cria um clima contagiante entre os personagens e os participantes da festa. Existem amizades que se criam entre as pessoas, as cumplicidades, as redes de solidariedade e troca de colaborações. Tudo é vivido em todos os momentos rituais desde os primeiros ensaios ao ritual da morte do Boi.

É um trabalho que passa de um ano para outro entre preparações, realizações, balanço do que foi realizado para começar de novo um ciclo que não se encerra mesmo com o desaparecimento dos primeiros donos, amos, ou responsáveis pelo Boi, seja por herança ou por transmissão de responsabilidade.



J. Cunha

A dança do boi

(Duda Santos e Robert San)

Disciplina, mistério e magia,
Casa Fant Ashanti
Rota do tambor
Recebia o nome de Sofia
Massinokou Alapong Cufô
Mãe de santo bem sucedida
Assim chegou ao Brasil

Vendida como escrava
Muitas coisas ela assumiu
Fundou o terreiro do Egito
Tenda de São Jorge, Ourã da Na
E hoje assim se consagra
Rota dos tambores no Maranhão
Boi bumbá, boi bumbá,
Zabumba, ê Meu boi bumbá
Boi bumbá, boi bumbá,
Olha a dança do boi
Boi bumbá, boi bumbá,
Zabumba, ê
Meu boi bumbá
Boi bumbá, boi bumbá,
Ilê Aiyê, Maranhão vou saudar
Recebendo entidades de linha, Gegê e Nagô
Dim, dim, dim do agogô
Vó Serena era considerada, por ser mais forte
O som do seu tambor
Se junta o sagrado e o profano,
No cortejo de rara beleza
Oh, divino Espírito Santo
Protetor dessa minha raça negra
Oh, divino Espírito Santo
Protetor dessa minha raça negra
Da uma punga, umbigada na outra,
Faz parte da dança tambor de crioula
Encosta barriga com barriga
Girando, girando
Passando uma pra outra
Encosta barriga com barriga
Girando, girando
Passando uma pra outra

A. Breve história do bumba meu boi

O bumba meu boi é um auto popular que, mesmo sendo difundido em vários Estados, acontece principalmente no Norte e Nordeste. É nos estados do Pará, Maranhão, Piauí e Alagoas que ele adquire sua maior expressão. Mas é no Maranhão que o Boi é diferente: é opulência, é ostentação, é esbanjamento de arte e beleza.

B. A Estrutura do Boi

O Boi consiste numa armação de madeira leve, jeniparana, à moda de uma caverna de banco invertido, completada com buriti e recoberta pelo “couro” do Boi de veludo preto, bordado à mão, com miçangas, paetês, canutilhos dos mais graciosos, além de originais e artísticos desenhos segundo o tema do Boi a cada ano.

Os Tambores acompanham a Casa do Terreiro Fé em Deus tocando para as entidades africanas da religião Mina do Jêje e para os caboclos do bumba meu boi na linha das águas e das matas. Pode-se dizer, neste caso, que a ROTA DOS TAMBORES, ao mesmo tempo, é construída pelas diferentes expressões de cultura e de religiosidade. Esta Rota reconstrói novas expressões de cultura e religiosidade.

C. Bumba meu boi e seus sotaques

Considera-se que o Bumba meu boi apresenta-se no Maranhão com cinco sotaques diferentes: Orquestra, Matraca ou da Ilha, Zabumbas, Baixada e Costa de Mão ou de Cururupu. Além destes, existe uma grande variedade de Bois do interior, entre os quais distinguem-se: Boi de Caxias, de Matões, de Codó, da Matinha, de Viana, de Cururupu e de Pindoré. Há também os Bois de seis arredores, Capital e

o Boi da Maioba, da Madre Deus, do Paço, do Lumiar e de São José de Ribamar.

Entre os sotaques mais conhecidos dos grupos de bumba meu boi estão:

ORQUESTRAS

MATRACAS são grupos tradicionais

ZABUMBAS tradicionalmente acompanhadas de

BATUCADA, cujos instrumentos eram construídos com toras de madeira e cobertos de couro, além do reco-reco, com instrumento de percussão

BAIXADAS com a presença dos

CAZUMBÁS tradicionalmente fabricados com embira, paletó velho, máscaras de madeira, folha de bananeira.

D. As Festas Juninas e os Santos Patronos do bumba meu boi.

Os festejos juninos têm como patronos: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal.

A festa maior se realiza dia 29 de junho, com missa solene na Igreja da Madre Deus em homenagem prestada pelos pescadores e pelo grande público ao padroeiro dos navegantes. No dia 29, é dia de festa no bairro tradicional de São Luís, o João Paulo, onde se homenageia a São Marçal.

A festa de bumba meu boi tem sempre um sentido coletivo. Diz Michol Carvalho: “segundo afirmam os antigos, tudo fica mais bonito no conjunto dos toques, das cantigas e dos passos”.

E. O Ciclo do bumba meu boi.

Os ensaios, o batizado e o ritual da morte constituem o ciclo do bumba meu boi em sua forma antiga de brincar, represen-

tando o auto com o seu enredo característico, animado pelos mandantes e cantadores responsáveis pelas velhas toadas; a porfia entre os amos; a religiosidade marcante; o altar sagrado e o cumprimento das promessas. Em todos os momentos fundamentais, os passos seguidos pelo Boi são acompanhados pelo Toque Ritual dos Tambores, que dá ritmo a cantos de poesia, cantos de porfias, improvisos e, a cada ano, o canto de louvor ao Boi de Encantado que são Cantos Sagrados.

F. O Batismo do bumba meu boi

O batismo é a vida do ritual, uma tradição que é um dos momentos de maior expressão da religiosidade do povo do Maranhão. É uma homenagem tradicional, mesclada de sincretismo, em homenagem a São João. É a purificação e o pedido de permissão para sair.

Sotaque de Cururupu - em Cururupu continuam existindo Sotaque de Zabumba e Sotaque de Orquestra, mas o mais difundido é o Sotaque de Boi de Costa de Mão.

Em Cururupu, os Bois começam a sair em maio e brincam até a morte, que se passa entre agosto, setembro e outubro. O número de brincantes oscila entre 15 e 60 entre amos, vaqueiros e índias-tapuias guerreiras.

O Batismo pode ocorrer próximo ao dia de São João. É a benção que o Boi recebe para entrar no mundo, sair de casa, brincar na rua e cumprir o seu ciclo que é:

ENSAIO → BATISMO → APRESENTAÇÕES → MORTE

Bumba meu boi acompanha a dinâmica do seu tempo entre tradição e modernidade. Nesse contexto, o papel da memória do passado é fundamental.

G. A Morte do bumba meu boi

“Vai morrer, nosso touro vai morrer, só não chora quem não tem coração, Paixão do Povo, vai se acabar deixando o povo todo cheio de paixão”.

A morte do Boi marca o encerramento do ciclo de festas de bumba meu boi do ano. Tristeza, separação, saudade de tudo que foi bom naquele ano - saudade da multidão acompanhando o Boi, cantando e vibrando com as toadas. A morte do Boi é, ao mesmo tempo, “a celebração da realização”.

As principais tradições de morte de Boi são de Maracanã, da Maioba. Cada grupo segue seu ritual. Geralmente, o Boi morre aos domingos e, no sábado, véspera da morte, dança-se a noite inteira. No final da noite, o Boi se esconde na casa de alguém muito conhecido, enquanto o grupo vai ao Terreiro ao qual o Boi pertence e onde o Boi foi batizado para fincar o mourão, que simboliza a morte através de uma árvore com galhos enfeitados com coloridos, com prendas, doces e brinquedos. Segundo Golias Moraes, a morte do Boi é triste e solene.

“Nosso Boi já morreu
Ninguém vai chorar
A morte é de brinquedo
Ele vai ressuscitar”.

Os Tambores acompanham todos estes momentos de festas, de alegria, de saudades do ano que passou, de celebração pelo trabalho realizado, de encorajamento para começar tudo de novo no ano vindouro.

H. O Couro do Boi

Antigamente, o couro do boi era feito de um tecido grosso chamado de azulão sobre o qual se colocavam enfeites de papel com cola de tapioca. Mais tarde veio o cetim, e hoje usa-se o veludo bordado com paetês, lantejoulas e canutilhos.

Nomes de brincantes tradicionais:

Boi de Areia Branca, fundado por Chico Boi

Boi da Soledade, fundado por Raimundo Abreu e Gorgonha

Barro Branco, fundado por Lulu Salgado, além de Chiquinho Lisboa, Pedro Lisboa, Raimundo Oliveira e Bento Grande.

Instrumentos utilizados no bumba meu boi de Cururupu: máscaras de metal, tambores-onça, pandeiros feitos com armação de metal — incorporando-se, em certas ocasiões, o surdo ou zabumba para auxiliar a marcação ou um pandeiro comum de samba.

O bumba meu boi é um folguedo que nasceu no século XVIII e que chegou ao Brasil tendo repercussão e presença nacionais. É uma referência hoje culturalmente assumida pelo povo brasileiro no interior, na cidade, nos Terreiros e Casas religiosas de tradição africana.

O bumba meu boi tem uma simbologia que se criou a partir de certos fundamentos religiosos. Embora não se possa afirmar, com certeza, diz-se que o bumba meu boi é uma homenagem a entidades das matas e das águas, animado por ritmo de Tambores que seguem a toada da tradição africana.

I. Diferentes Sotaques/Tradições de bumba meu boi:

◆ Boi de Encantado

O Boi de Encantado é o Boi que se vê no Centro - no interior do Estado.

As pessoas preparam o chamado Boisinho para determinado Encantado — é como se fosse para cumprir um preceito, entre bairros vizinhos, familiares e amigos. Do Boi de Encantado diz-se que não é um Boi de palanque, nem de grandes apresentações em lugares públicos, mas um preceito do Terreiro, da Casa, da Família. Muitas casas de Candomblés têm o seu próprio Boi - por exemplo, a Casa de Dona Elzita e a Casa Fanti-Ashanti de tradição de Tambor de Mina.

◆ Boi de Zabumba

O Boi de Zabumba é mais característico da África, apoia-se inteiramente nos Tantans.

O ritmo é diferente, mais lento, chamando senzalas e mocambos num compasso de soca-pilão. Mesmo que se apresse, fica além do Tambor chamado maracas.

Os Bois Zabumbas mais antigos de São Luís são de seu Misico, na Vila Passos, e de Amália e Laurentino, no bairro Fé em Deus.

◆ Boi de Taboca

O Boi de Taboca tem o mesmo ritmo do Tambor de Crioula tradicional. É uma manifestação que, no momento, está quase extinta. As caixas-tambores são tocadas pelos senhores principalmente, mas não exclusivamente. As mulheres tocam boquetas no Tambor de Taboca.

3. TAMBOR DE CRIOLA

No Tambor de Crioula, os Tambores são acompanhados de duas baquetas que se chamam maracas, também utilizadas no bumba meu boi, qualquer que seja o sotaque.

O Tambor de Crioula é uma dança afro-brasileira praticada no Maranhão pelos negros africanos e seus descendentes. O Tambor de Crioula consiste numa coreografia em forma de círculo no qual as pessoas dançam ao som dos Tambores e dão punça ou umbigada umas nas outras.

O som, o ritmo e o acompanhamento das cantigas é feito por três Tambores de madeira, presos com cravelhas. Os três tambores têm nomes e tamanhos diferenciados: tambor grande, meião ou socador e crivador ou perengue.

Os Tambores são esquentados nos intervalos em fogueiras para afirmar o som. Os Tambores do Tambor de Crioula têm os mesmos nomes dos rituais religiosos de nação Jêje e Nagô no Tambor de Mina.

A. Religiosidade no Tambor de Crioula

“Viro, Viro

Tambô de roda Virô

Tambô de roda

Não virô”

O Tambor de Crioula é dançado com corpo e alma, e a cabeça acompanha o movimento do toque. Em Codó, o Tambor de Crioula é tocado em Santo Antônio dos Pretos e em São Benedito dos Calados.

“Eu no toque do Tambor faço o couro falar”, diz um tocador de Tambor de Crioula com seu toque de mão e sua

experiência de tocar esses mesmos tambores nos Tambores de Mina, que chamam as entidades, comandam os rituais, prestam louvor, fazem orações e homenagem e reverenciam a tradição dos ancestrais: Voduns, Inquinces, Encantados, Caboclos, Reis, Chefes.

Vodun

Chamam e animam os rituais

Prestam louvor

Fazem oração

Homenagem aos ANCESTRAIS

Mantém viva a tradição

Tocam os ritmos que revivem

Orixás, Inquinces, Caboclos, Reis Gentis, Tobôssis são entidades / ancestrais africanos e indígenas.

O Tambor grande é amarrado na cintura do chefe da orquestra de Tambores, e os menores são postos no chão.

O Tambor de Crioula é divertimento e presta homenagem a São Benedito,

Padroeiro do povo negro no Maranhão, São Benedito representa para os negros maranhenses a figura de Averequete.

“Meu São Benedito

Meu Santo de preto que bebe cachaça e ronca no peito”

Tambor de Crioula é o tambor chamado Tambor de Negros e vozes da África. Lamento. Esperança.

Vem principalmente dos bairros do Desterro, Camboa, Madre de Deus e Praia do Caju. O canto era quase sempre de improviso em toadas com suas respostas.

Rituais africanos

(Zenilton e Jorge Garcia)

Os baragandas vão balançar
Nos rituais de origem africana
Tambor de Mina Jêje
Ou Bumba meu boi
No Maranhão guia a nação yorubá
Ilê Aiyê, o centro da cultura negra
Os quilombos, Zumbi
E a dança das Yabás
Épa, épa, papá, épa, épa, papá
Epa, êpa, papá, ôh baiana vem dançar
Epa, épa, papá, épa, êpa, papá
Epa, épa, papá, a Bahia vai cantar
Ôh Alabê toca aê tambor
Na percussão do Ilê Aiyê na batida do agogô
Tem cazumbá tem maculélé
A cantiga do negro nagó
Liure é a rota dos tambores
A igualdade e a liberdade reinarão
Com muita força a contemplar nossas raizes
O Ilê Aiyê resistência do cantar
Tambor crioula, Angola, Congo, e Ashanti
Colonizam o Brasil os tambores africanos
Épa, épa, papá, épa, êpa, papá
Epa, épa, papá, ôh baiana vem dançar
Epa, èpa, papá, épa, èpa, papá
Epa, êpa, papá, a Bahia vai cantar
Maranhenses no samba de roda
E o povo baiano na palma da mão
Negra suingueira subindo ladeira
Ilê a razão da minha canção

B. Casinha da Roça no Tambor de Crioula

A Casinha da Roça era um grupo de pessoas numa casa decorada cuja originalidade estabelecia contrastes com os luxuosos cenários de alguns casos. Dentro, havia um Tambor de Crioula, tocando dentro de casa, com cozinheiras, quebradeiras de coco, socadoras de pilão e comida típica: cuxá, peixe frito, sururu, caranguejo, além de cocos, gaiolas e enxadas.

4. FESTA DO DIVINO

A. Homenagens ao Divino Espírito Santo

Alcântara, com suas ruas antigas e casarões tradicionais, é o cenário vivo de uma cerimônia que se realiza a cada ano em homenagem ao Divino Espírito Santo, onde se juntam o sagrado e o profano no mundo que representa um império simbólico. Lá, um ritual religioso e cultural acontece em segredo sob a coreografia de cortejos de rara beleza formados por Imperadores e Imperatrizes.

O conjunto se estrutura como “Rei, alferes, pajem, mordomos, fidalgos.”

A cidade de Alcântara é denominada Tapuitapera, Terra de Tapuios, antiga aldeia de Tupinambás, Cabeça da Capitania de Cumã.

A Festa do Divino, ou Folia do Divino, é composta de preparação e realização.

A preparação se inicia com a saída da Folia do Divino, cortejo composto por três caixeiras, três porta-bandeiras, um bandeireiro ou alferes e três carregadores que, assim organizados, saem tocando pela cidade, “Tirando Jóias”.

Segue-se a realização da Festa na sua riqueza de rituais e, ao mesmo tempo, espetáculo.

A cerimônia consiste principalmente na criação de um reino de crianças e elegendo-se, a cada ano, uma Imperatriz.

O conjunto do cortejo que acompanha a corte real é assim constituído: alguns homens carregam o mastro sobre os ombros, as caixeiros tocam as caixas, há tocadores de clarinetas, sax; tambores tocam seus instrumentos e as vozes das cantadeiras em som anasalado acompanham o cortejo.

O mastro será erguido próximo à casa da Imperatriz, todo enfeitado de flores e frutos. É escolhida, nas redondezas da Casa da Imperatriz, uma árvore de porte majestoso para ser o mastro - marca da realização com brindes simbólicos às entidades e festas em homenagem às crianças.

Que bonito pé de mato.

Arei, aré-é-é-éi-a

Arei, aré-é-é-éi-a

Que a natureza botou

Arei aré-é-é-éi-a

Para me servir de mastro

Arei-aré-é-é-éi-a

Alvorada nova

Nova alvorada

De manhã bem cedo.

De manhã bem cedo.

Sobre a madrugada, minha nobre Imperatriz.

Coroada pelas estrelas Viva a Coroa do Divino

Viva a Imperatriz Primeira Deus nos dê muita boa noite

Majestade Imperiá

Recebeu mordomia Regra

Que hoje vem lhe visitá

A Festa do Divino é ao mesmo tempo cultural e religiosa, rica em adereços e vestimentas com muito brilho que vestem o imperador e a imperatriz, reunidos em três dias de festas.

Os Tambores das caixeiras acompanham todo o ciclo, em todos os percursos louvando o Sagrado, relembrando os ancestrais, saudando os Impérios novos e tradicionais.

B. A Cultura da Festa do Divino Espírito Santo

A cultura da Festa do Divino tem origem portuguesa. Foi absorvida no Brasil pelos africanos e seus descendentes, que recriaram com vários ritmos diferentes tocados pelos Tambores. Essa manifestação chegou ao Brasil no século XVI e em cada Estado do país há interpretações próprias, mas o forte da Festa do Divino é celebrada no Maranhão, principalmente em Alcântara.

C. Caixeiras do Divino

A Festa do Divino faz parte do cotidiano, é a sabedoria na arte de cantar e tocar caixa em louvor ao Espírito Santo, segundo Maria Michol.

A Casa das Minas tem seu grupo de caixeiras sob a batuta de Dona Celeste. A Festa do Divino constrói seus impérios constituídos de imperadores, imperatrizes e mordomas, que se harmonizaram num ritual tradicional.

A Festa se apresenta ao público organizada em um cortejo das figuras da corte com bandeirinhas, toques de caixa e banda de música percorrendo as ruas da cidade.

Há figuras históricas que tocam as Caixas do Divino Espírito Santo, como Dona Maria Celeste, da Casa das Minas, que é caixeira há 66 anos. Para elas, ser caixeira é um compromisso que está ligado à devoção do Divino Espírito

Santo. Entre as mais tradicionais destacam-se Dona Celeste, Dona Iacy, Dona Landelina da Casa de Santana e Dona Maria do Guerreiro da Casa de Nagô.

5. O CARNAVAL

A. Velhos Carnavais e Expressões Contemporâneas

O Maranhão sempre viveu o estilo tradicional dos velhos Carnavais. O Carnaval é uma festa popular trazida para o Brasil pelos portugueses. No Brasil, o processo do Carnaval foi o entrudo, que é uma brincadeira de rua que consistia em jogar pó, água, farinha e tinta nas pessoas, e que sofreu fortes repressões policiais.

Surgiram os corsos, os ranchos e os carros alegóricos jogando confetes e serpentinas. Seguem-se as marchas, as marchas-rancho, o samba e os samba enredos.

O entrudo era feito também com água colorida, que manchava as roupas, ou com talco de milho, jogados nos olhos das pessoas; além das marcas populares do Carnaval maranhense, que consistia nos cordões, urso, fofões.

B. Canto do Carnaval

Cruz-diabo, Chegança, Baralho, Casinha da Roça: a cidade era toda enfeitada de Reis-Momo, Palhaços, Odaliscas, Pierrots, Colombinas, Arlequins e Zé Pereiras. Nas horas de movimento, paravam os bondes e os desfiles começavam às quantas horas da tarde até as oito horas da noite.

C. O Carnaval do Maranhão e as Antigas Epopeias:

Angola- Congolesas

O fandango, o entrudo, o congo (ritual de antigas epopeias Angola-congolesas, representando lutas contra as monarquias).



D. Cordão

O cordão de vergo eram foliões fantasiados de vergo, com macacão de estopa ou cânhamo esfiapado, acompanhados de apito e batidas de lata.

E. Baralho

Essa é uma brincadeira formada por grupos de negros que percorrem as ruas da cidade cantando músicas com letras picantes, de duplo sentido, tocando sanfona, pandeiros, reco-reco e tambores, remexendo as cadeiras.

F. Cruz-Diabo

Era um diabo vestido com camisolão vermelho e preto, empunhando uma lança-tridente. Quem o via se benzia e dizia: "Cruz Diabo!"

G. Pato Pelado

É uma expressão cultural que consiste em um grupo de pessoas correndo atrás do som dos Tambores, portando animais e adereços em louvor a entidades em forma de pagamento de promessa e, ao mesmo tempo, fazendo celebração de um ritual de divertimento. Um porco deitado numa rede e uma ave espetada numa vara vão percorrendo lugares determinados.

6. CERIMÔNIAS QUE TOCAM TAMBORES

NA CASA FANT-ASHANTI

A. A Casa Fant-Ashanti

A Tenda São Jorge Jardim de Ouro da Nação Fanti-Ashanti, conhecida por Casa Fanti-Ashanti, é originária do extinto Terreiro do Egito Ile Nyame, fundado em 12 de dezembro de 1864 pela Mãe de Santo Massinokou Alapong, que chega ao Brasil vendida como escrava, onde recebe o nome de Basília Sofia. Depois de realizar um longo período de trabalho, Mãe Massinokou Alapong cufó fez sua passagem para o ORUN, sendo sucedida por Irae-Akou - a Mãe de Santo de Pai Euclides. O nome originário do Canjerê é ONIAMALI.

Autoridades da Casa Fanti-Ashanti que seguem a Rota dos Tambores: Tambor de Mina, um ato religioso de rara beleza onde se vive com disciplina, magia e mistério.

B. Tambor de Crioula de Taboca

O Tambor de Crioula de Taboca é uma manifestação cultural e religiosa que o Terreiro realiza em homenagem a São Benedito e, ao mesmo tempo, corresponde à abertura da Festa do Divino Espírito Santo.

C. O Abanijeum

O Abanijeum é o grupo de Tambor de Crioula da Casa Fanti-Ashanti. O bumba meu boi para a Casa Fanti-Ashanti é um louvor a São João. A Casa tem o seu Boi de Encantado animado pelo grupo “Garotos do Cruzeiro” desde 1951.

7. ANCESTRAIS VIVOS QUE FALAM DE TAMBORES

A. Ancestrais Vivos

Vó Serena tem seu aprendizado na Casa de Nagô. O Terreiro de Belém por ela implantado recebia entidades da linha Jêje e Nagô.

Os Tambores de Vó Serena tiveram grande eco enquanto durou sua existência. Seus Tambores eram denominados Tambor de Badé e de Bárbara Soeiro. Estes Tambores eram acompanhados do xereque-xeque das cabaças e do dim-dim-dim do agogô. Estes Tambores tinham a força de buscar Os Filhos na Guma. Por mais distantes que eles estivessem, vinham fazer reverência na frente dos Tambores.

B. Casa de Dona Elzita e seus Rituais

Para dona Elzita, na cultura do bumba meu boi há uma parte de mediunidade de Encantamento. Na sua casa, há obrigação para o Boi da Casa, que é o Caboclo Velho, chefe das Águas de Viana e um chefe da Mata que é Surupiri - mais novo, e por isso serve de mensageiro.

Dona Elzita constitui um dos personagens mais fascinantes da cultura e religiosidade maranhense, é quase um personagem mítico. Dotada de uma voz excepcional com a qual louva as suas entidades sobrenaturais, é mulher, negra, trabalhadora e profundamente devotada à causa dos ancestrais, ela tem uma narrativa consistente de sua trajetória.

Sua casa é um Centro Cultural, Educacional e Religioso. Lá se cultuam Encantados, Caboclos da Mata e Caboclos das Águas, que são suas referências, sua história e sua razão de viver.

Altars, escola de crianças, salão de celebrações rituais, ateliê de bordado, desenho, criação artística, residência de uma família extensa: tudo ali se passa entre devoção, trabalho, alegria e muita dedicação.

Ela cultua, no interior de seu Terreiro, um bumba meu boi - Surrupi Velho, o Dono da Casa e o Guardião, jovem que é guerreiro, mensageiro, continuado da dinâmica da Casa sob a força da tradição.

Dona Elzita tem Terreiro de Encantado, cultiva o bumba meu boi e dança Tambores de Crioula. Os seus Tambores são os mesmos, e acompanham todos os ritmos das manifestações que representam.

Tudo está entrelaçado na cabeça, no coração e na ação dos que realizam a tradição da cultura maranhense.



**BLOCO ILÊ AIYÊ HÁ 29
ANOS NA ROTA POR
AÇÕES AFIRMATIVAS - A
FAVOR DO SISTEMA DE
COTAS E PELO DIREITO DO
NEGRO A TER ACESSO À
UNIVERSIDADE**

Resistência viva

(Zenilton Ferraz – Jorge Garcia – Narcizinho)

Sou negro forte
Vou seguindo o meu caminho
Pois eu não estou sozinho
Ilê Aiyê vai me guiar
Acendo a chama
Negra viva da paixão
Africana é a nação
Que conduz o meu cantar
Vem, Vem, Vem, Vem, Vem
Eu sou Ilê Aiyê e você pode ser também
Vem, Vem, Vem, Vem, Vem
Eu sou Ilê Aiyê e você pode ser meu bem
Dos quilombolas segue a resistência viva
Existente na batida
E na Bahia estendeu
A bandeira da paz
E da igualdade social
O Ilê Aiyê canta seu ideal
Negros de paz e amor
O rufar dos tambores a mercê da negritude
Convidando a galera pra no Curuzu bailar
Eu vou nesse suingue com a Band'Aiyê
Minha Beleza Negra não me deixe só
Eu vou nesse suingue eu sou Ilê Aiyê
Minha Beleza Negra não me deixa

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Sugestões de atividades pedagógicas

Liu Onawale Costa (Eliane Costa)

atividade

1. Observe os códigos:

A=1, B=2, C=3, D=4, E=5, F=6, G=7, H=8, I=9,
J=10, L=11, M=12, N=13, O=13, P=14, Q=15, R=16,
S=17, T=18, U=19, V=20, X=22, Z=23, W=24, K=25,
Y=26 e o espaço entre as palavras = 0.

- a) Faça uma frase relacionada ao tema estudado e envie para seu colega do lado esquerdo para que ele decifre. Quem errar, paga uma prenda que também esteja relacionada ao tema (Ex.: Imitar o som de um tambor, responder a uma pergunta, cantar uma música, contar uma lenda, imitar um folgado, etc.).
- b) Usando a operação adição descubra quantos pontos têm seu primeiro nome (Exemplo: LIU $11+9+19 = 39$) e compare com o nome dos colegas.
- c) Agora veja quantos pontos tem a frase "TAMBORES NO MARANHÃO" e subtraia da sua idade. Depois, divida por dois se o resultado for par ou divida por três se o resultado for ímpar. Qual o resultado final?

atividade

2. Vamos fazer um jogo de montar?

- ◆ Escolha um desenho desse caderno (de preferência, sem muitos detalhes pequenos)
- ◆ Copie-o ou decalque-o em uma folha de papel ofício
- ◆ Colora-o com pintura, colagem de papel picado, ou pipoca de papel.
- ◆ Cole no verso um papel rígido (cartolina, duplex).
- ◆ Recorte essa folha de papel ofício em 20 partes não uniformes.
- ◆ Após a confecção do jogo, vamos desmontá-lo / remontá-lo e criar uma história que será contada oralmente a partir do desenho que escolhemos. (Sugestão: o(a) educador(a) orienta a que texto se refere o desenho).

3. Descubra de quê estamos falando :

- a) Atabaques, denominados para os Nagôs, Ketus ou Yorubás (pista: 3 letras, 5 letras, 2 letras)

atividade

- b) Atabaques das outras nações (pista: 6 letras, 4 letras e 4 letras).
- c) Atabaque de origem Nagô, vindo da Nigéria (pista: 4 letras)
- d) Tambores que se encontram no Tambor de Mina e no Tambor de Crioula (pista: 8 letras, 7 letras, 9 letras)
- e) Tambores grandes e populares no Norte e Nordeste (pista: 7 letras, 5 letras, 5 letras, 6 letras)

4. Cace as palavras, reescreva separando as sílabas

VERTICAL:

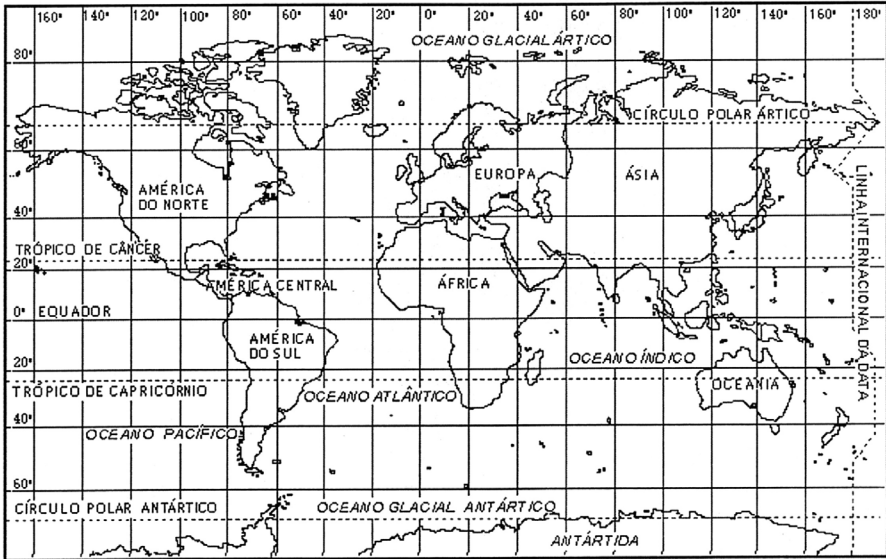
- a) Palavras com duas sílabas
- b) Palavras com três sílabas

HORIZONTAL:

- c) Palavras com quatro sílabas
- d) Palavras com três sílabas

R A A Z A H M O Y
E N C A N T A D O
I C O B B I R P R
S E N U C J A Q I
S S G M D L C R X
T T O B E M A S A
U R T A B O C A S
M A R A N H A O W
V L B G F N U T Z

atividade



atividade

5. Vamos conhecer mais um pouco do Maranhão

- a) O Maranhão fica em que região do Brasil?
- b) Qual a sua capital?
- c) Desenhe um mapa do Brasil e na região em que o Estado está localizado, pinte o de vermelho.
- d) Fale dos aspectos culturais e religiosos do Maranhão abordados neste volume.

6. “Os tambores traçaram uma rota que há mais de cinco séculos nos serve de traço de união entre continentes, raízes, histórias, culturas, linguagem... ”

- a) Quais são os continentes que o texto acima se refere?
- b) Fale um pouco do que você já sabe sobre eles (os continentes).
- c) Pinte no mapa abaixo um continente de vermelho, o outro de amarelo e trace uma linha com lápis preto unindo os dois.

atividade

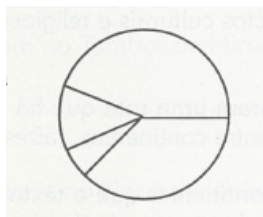
7. "O Maranhão é considerado a 5ª província escravista depois da Bahia, Minas, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde residiam quase 1/10 de todo o contingente de africanos escravizados trazidos para o Brasil. O Maranhão chegou a receber 1.140.000 africanos, sem contar com clandestinos e aqueles que vinham por terra, o que pode elevar esse número para 1.400.000, segundo o autor Mathias Rohrig Assunção".

48% Região Congo / Angola

36% Golfo da Guiné

13% Baía do Benin

3% Moçambique



- a) O gráfico acima chama-se "gráfico de pizza". A partir dos dados do texto represente nele essa população vinda do Continente Africano para o Maranhão. (Sugestão: use uma cor para cada parte)
- b) No texto acima, escreva os números por extenso.
- c) Peça a sua/seu professor (a) para localizar em um mapa do Continente Africano essas regiões/países e falar um pouco sobre cada um. Em seguida, anote esses relatos.

atividade

8. Dos 30% dos Africanos registrados no Maranhão, 14% eram Mandigas. Estes eram reconhecidos pela sua tradição e por serem grandes contadores de história e guardiões da tradição - eram os griots.

- a) Liste e discuta com seus colegas pessoas que na nossa comunidade têm papel semelhante ao dos griots.
- b) Escolha uma música desse caderno e transmita oralmente a história que ela quer contar.

9. A Religião afro-brasileira em suas diferentes denominações é conhecida, entre outras formas, como:

- a) Associe a primeira coluna à segunda

I- Na Bahia	() Xangô
II - Em Pernambuco	() Catimbó
III- No Maranhão	() Batuque
IV- Em Belém	() Tambor de Mina
V- No Rio Grande do Sul	() Candomblé

- b) Na sua comunidade tem terreiros, centros de Umbanda ou outra religião Afro-descendente? Você ou sua família frequentam?
- c) Você acha que na sua escola discutem a questão religiosa? De que forma?
- d) Você conhece alguém que discrimina outra pessoa por ser de Candomblé (Intolerância religiosa)? O

atividade

que você acha disso?

10. Assista ao vídeo “Atlântico Negro” e comente sobre a relação entre a “Casa das Minas no Maranhão” e o Benin.

11. Lenda do bumba meu boi:

“Em uma fazenda no Maranhão, existia um boi muito bonito e que sabia dançar. Nessa fazenda, morava Pai Chico, que era trabalhador e também conhecido como Negro Chico; sua esposa Catirina, o dono da Fazenda, além de alguns índios Tupi-nambás e de uns vaqueiros.

Um dia, Catirina ficou grávida e desejou comer a língua justamente do boi tão querido por todos. Pai Chico ficou desesperado, pois sabia do “mito” do desejo durante a gravidez. Com medo de sua mulher perder o filho que gerava, resolveu atender ao desejo da mulher.

O patrão (fazendeiro) ao perceber o sumiço do boi e do Pai Chico, mandou os vaqueiros procurá-los. Depois de muito procurar, os vaqueiros retornam sem achá-los. O fazendeiro enfurecido pede aos índios que ajudem nessa procura. Os índios encontram Pai Chico e o Boi já quase morto, levando os dois à presença do fazendeiro.

Pai Chico confessa o motivo que o fez fazer

atividade

aquilo. O fazendeiro, um branco tirano, ameaça Pai Chico e diz que só desculpa Pai Chico se o boi reviver. Os índios Tupinambás que viviam em solidariedade com os negros, chamaram os Pajés para curar o boi. Após várias tentativas conseguem e esse (o boi) levanta e começa a dançar alegremente”

- a) Esse auto remota ao ciclo de gado no século XVIII, reconte essa lenda encenando-a.
- b) Copie uma música que se refere ao “Boi” e cante em grupo.
- c) Faça em grupo uma “historinha” em quadrinhos ou sobre essa lenda ou sobre outra que fale da cultura e/ou religião do Maranhão. Apresente para a comunidade.

12. Leia o texto: “Presença de Mulheres nestas manifestações acompanhadas pelos tambores” e discuta com seus colegas:

- a) Questões de Gênero - Sugestão: Importância da Mulher na Sociedade atual. Questão Racial - Sugestão: “Relação entre negros e brancos no século XVIII e no século XXI
- b) A partir da discussão anterior crie um Poema / Verso / Repente / Poesia / música em grupo e apresente para a comunidade.

atividade

13. Elabore um mural expositivo, onde a comunidade possa conhecer a Rota dos Tambores do Maranhão (produção coletiva). Não esqueça de fotografar e/ou filmar para guardar como momento histórico.



J. Cunha

O espetáculo em três atos

(Juraci Tavares – Luís Bacalhau – Ulisses Castro)

Cenário multicolor, pombos.

Gente de todos os cantos e cores chegando

Mãos felizes saudando o Ilê Aiyê, o Ilê Aiyê, o Ilê Aiyê, o Ilê Aiyê

A cortina se abrindo, ritual, cena saída.

Princesas, reis, rainhas revividas

Ato um, palco principal Curuzu.

Teatro africano itinerante avenida

Liberdade a saída Ilê Aiyê, Ilê Aiyê, Ilê Aiyê, Ilê Aiyê

Canto, dança, magia, sabedoria.

Negros, negras, ouro, tesouro

Ilê Aiyê, palco-palanque.

Criando o seu instante

A cortina fechando ato três

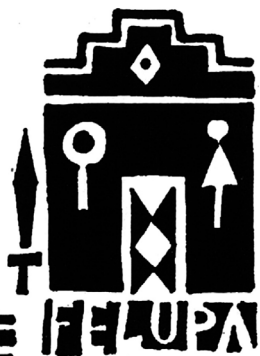
Fim do espetáculo talvez

As cinzas do carnaval grande astral

Ilê Aiyê-Liberdade sonho justo

Continua no circuito

Ilê Aiyê, Ilê Aiyê, Ilê Aiyê, Ilê Aiyê.



J. Cunha

bibliografia

- Santos, Maria do Rosário. *Terreiro de Vó Serena*. Comissão do Folclore Maranhense. Boletim 21.
- Sousa, Adriano. *Bumba meu boi e Seu Simulacro*. Boletim 21.
- Abreu, Marilande. *Mesa Branca e Tambor de Mina*. Boletim 21.
- Assunção, Mathias Rohrig. *Maranhão Terra da Mandinga*. Boletim 20. Ago/2001.
- Carvalho, Michol. *Quando os Bois se Encontram*. Boletim 20. Ago/2001.
- Ferrett, Mendicarmo. *Tambor de Mina Diversidade Afro-brasileira no Maranhão*. Boletim 20.
- Lima, Carlos de. *Os Bois Entre Aspas*.
- Amorim, Cleides. *Tambor de Choro: Interstício da Vida e da Morte, Rito de Separação e Agregação no Tambor de Mina do Maranhão*. Boletim 20. Ago/2001.
- Moraes, Joila. *Ritual da Morte do Bumba meu boi*. Boletim 20. Ago/2001.
- Ferretti, Sérgio. *Banquete dos Cachorros para São Lázaro*. Boletim 19. Jun/2001.
- Ferretti, Mundicarmo. *Preto Velho na Umbanda e Tambor de Mina do Maranhão*. Boletim 19. Jun/2001.
- Ferretti, Mundicarmo. *Recordando o Passado, Planejando o Futuro. Notícias sobre Rodas de Conversa com grupos de Bumba meu boi*. Boletim 19. Jun/2001.

bibliografia

- Carvalho, Maria Michol P. *Primeiro Encontro de Caixeiros da Região do Munin*. Boletim 19. Jun/2001.
- Carneiro, Deusdedit. *Tombamento da Casa das Minas*. Editorial Boletim 18. Dez/2000
- Ferretti, Mundicarmo. *Encontro do Negro Maranhense: O Encontro do Negro, do Índio e do Branco na Cultura afro-brasileira*. Boletim 18. Dez/2000
- Ferretti, Sérgio. *Casa das Minas, Beija Flor e Casa das Minas*. Boletim 18. Dez/2000.
- Ferretti, Mundicarmo. *Carnaval dos bons Tempos: um Encontro do Negro, com a Cultura Brasileira*. Boletim 18. Dez/2000.
- Pacheco, Gustavo. *Bumba meu boi de Cururupu*. Boletim 17. Ago/2000.
- Cavalcante, Maria Laura. *Tradição e Modernidade no Bumba meu boi*. Apreciação Analítica. Boletim 17.
- Lima, Carlos de. *Contribuição ao debate do Bumba meu boi*. Boletim 17. Ago/2000.
- Canjão, Isanda. *Lugar da Memória do Bumba meu boi*. Boletim 17. Ago/2000.
- Carvalho, Maria Michol. *Descobrimo e Redescobrimo o Bumba meu boi*.
- Assunção, Mathias Rohrig. *A Formação da Cultura Maranhense. Algumas Reflexões Preliminares*. Boletim 14. Ago/1999.

bibliografia

- Santos, Maria do Rosário. *Mãe Andreza: amor e bondade em forma de mulher*. Boletim 14. Ago, 1999.
- Ayres, Bráulio. *CAZUMBÁ: Máscaras e Voduns: Símbolos do nosso Patrimônio Ancestral*. Boletim 13. Jun, 1999.
- Ferretti, Sérgio. *Perfil Popular: Maria Celeste Santos*. Boletim 13. Jun, 1999.
- Lima, Carlos de. *Universo do Bumba meu boi*. Boletim 11. Ago/1998.
- Carvalho, Michol. *Folia Junina Maranhense*. Boletim 11. Ago, 1998.
- Vieira, Elaine Lily e Lopes, João. *Cadê o Bumba meu boi de Alcântara*. Boletim 11. Ago, 1998.
- Ferretti, Sérgio. *Tambor de Crioula e 13 de Maio em Codó*. Boletim 10. Jun, 1998.
- Carvalho, Maria do Rosário. *Cura no Terreiro de Mãe Elzita*. Boletim 10. Jun, 1998.
- Dinit, Lizandra. *A participação Feminina no Bumba meu boi*. Boletim 10. Jun, 1998.
- Lima, Carlos de. *A história: Como tudo começou*. Boletim 7. Jun, 1997.
- Carvalho, Maria Michol. *Couro do Bumba meu boi e sua Arte*.
- Alves, Ananias. *Bitá do Barão*. Boletim 06. Dez, 1996.
- Lima, Carlos de. *Boi de Zabumba*.
- Carvalho, Maria Michol. *As mulheres do Bumba meu boi saindo atrás das cortinas*. Boletim 05.

bibliografia

Lima, Carlos de. *Festa do Divino Alcântara-Maranhão-Brasil. Pesquisa e Texto*. São Luís. Maio, 2001. 2ª Edição.

Lima, Carlos de. *Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)*. Ministério da Cultura. Grupo de Trabalho de Alcântara. Brasil. 2ª Edição, 1988.

Santos, Pedro Braga dos. *Alcântara: A Sociedade da Festa do Divino*. São Luís, FIPES, 1980.

Lima, Carlos de. *Bumba meu boi*. Edição do autor. 3ª Edição. Ed. Augusto Ltda. São Luís, 1982.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia **Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 11 – A Rota dos Tambores no Maranhão

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos (Vovô)

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Dário da Páscoa • Jônatas Conceição da Silva • Hildete Valdevina dos Santos Lima • Edson Tobias de Matos • Wilson Batista dos Santos • Osvalrízio do Espírito Santo • Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in memorian*) • Arany Santana Neves Santos • Elizete Matos dos Santos • José Carlos dos Santos • Maria de Lourdes Siqueira • Vivaldo Benvindo dos Santos • Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo Cezar da Costa Cerqueira • José Antonio Cunha

Assessoria: Edmilson Lopes das Neves • Roberto dos Santos Rodrigues • Oduvaldo de Jesus Santos **Coordenação Pedagógica:** Jônatas Conceição **Pesquisa:** Maria de Lourdes Siqueira **Capa e Ilustração:** J. Cunha **Educadores:** Ana Célia da Silva • Jaime Sodré • Durvalina Cerqueira • Graça Onasilê • Marivaldo Paim • Edmilson da Mota • Eliane Costa • Sandro Teles • Dayse Barreto • Hildelice Benta dos Santos • Eliete Matos dos Santos • Valdina Pinto • Jorge Conceição • Lindinalva Barbosa • Cristiano Leão • Clêmeron Correia • Isabelle Sanches • Lícia Barbosa • Dete Lima • Elisângela da Hora (Dandha) • Jaguaracira Andrade Santos • Daniele Pereira Barbosa • Railda Barbosa Costa **Produção:** Via Direta Comunicação **Editores e Diagramação:** Helida Rocha **Impressão:** Vênture

End. Rua do Curuzu,
197, Liberdade
Salvador • Bahia



PROexc

PROPRIEDADE DE EXTENSÃO E CULTURA

UF³**B**

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

**MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO